

## QUESTÕES ESPAÇO-TEMPORAIS: DIVERSIDADES DO/NO BRINCAR:

PÂMELA ALVES<sup>1</sup>; ÉVELIN RUTZ<sup>2</sup>; MÁRCIO BARRETO<sup>3</sup>; TAMIREZ DORNELES<sup>4</sup>;  
RAFAELA CAMARGO<sup>5</sup>; HELENARA PLASZEWSKI FACIN<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – pamelakurz@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – evelinrutz2011@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – tamy782@yahoo.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – intergi11@gmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – rafaela.camargo.ufpel@gmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – helenara.ufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho originou-se na disciplina de Ensino-Aprendizagem Conhecimento e Escolarização VII, ofertada no 1º semestre de 2017 na turma do 7º semestre diurno do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sob orientação da professora Helenara Plaszewski Facin.

A partir da pesquisa como princípio educativo, a disciplina buscou-se aprofundar uma temática da disciplina, fazendo reflexões sobre o conteúdo estudado e a socialização do estudo está sendo neste evento científico.

Neste trabalho pretendemos expor e discutir os resultados de um ensaio de pesquisa sobre as brincadeiras e brinquedos utilizados por crianças residentes da zona urbana e da zona rural. Através de uma “entrevista conversada” (WURDIG, 2007) com crianças de diferentes idades, analisamos, quais são as brincadeiras, os lugares, as parcerias e os brinquedos das crianças.

Um olhar diferenciado às crianças e ao brincar foi valorizado somente no século XIX, com as ideias de Rousseau que influenciou significativamente a sociedade da época (ALMEIDA, 2012). Desde então, tem se modificado a maneira como elas têm sido tratadas e como tem sido compreendida a cultura lúdica (BROUGÈRE, 2001). Essa modificação está articulada às mudanças mais amplas que ocorrem na sociedade.

Aliadas e reforçadas pela cultura lúdica produzida, própria de cada localidade, elas seguem “brincando de brincar” e renovam a cada dia seu repertório de brincadeiras e brinquedos. Com o auxílio de estudos apoiados em Almeida (2012) e Brougère (2001) para compreendermos que existem muitos fundamentos que explicam o motivo das crianças brincarem e porque brincam de determinadas brincadeiras e brinquedos.

### 2. METODOLOGIA

Nosso trabalho foi desenvolvido em duas regiões. A primeira, na zona rural da cidade de Pelotas/RS, no 4º distrito, localizado na região sul do estado, distante 56 km da área urbana. Participaram da entrevista 04 crianças: duas meninas (5 e 8 anos de idade) e dois meninos (7 e 8 anos de idade). Três

entrevistas ocorreram na pracinha e a quarta entrevista foi realizada na própria residência de uma das crianças.

Na segunda parte do trabalho, realizada na zona urbana, participaram da entrevista três crianças. Duas delas, de 5 e 10 anos de idade, residentes na cidade de Capão do Leão/RS, em uma área de vulnerabilidade social. A terceira menina, de 10 anos de idade é residente no centro da cidade Pelotas. Todas entrevistas duraram cerca de 10 minutos aproximadamente e ambas foram realizadas na casa das crianças.

As entrevistas-conversadas contemplaram um roteiro de perguntas sobre brinquedos e brincadeiras. Para realizá-las procedemos da seguinte forma: elaboramos um roteiro de questões abertas, solicitamos autorização dos pais e das crianças para realizar as entrevistas.

Após análise das entrevistas e aprofundamento teórico, compreendemos como, com quem, de quê e onde brincavam as crianças da zona rural e urbana entrevistadas.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Primeiramente, no cenário urbano, na análise da entrevista-conversada com a menina que mora no centro de Pelotas, identificamos uma infância de poucas brincadeiras, extremamente voltada para atividades virtuais, jogos no celular e no computador, brinquedos da moda (ela possui um grande acervo de bonecas que foram recentemente lançadas), poucas brincadeiras coletivas (quando há alguma), ausência de lugares que propiciem o brincar e, também, a falta de incentivo para a prática de atividades lúdicas pela família e até mesmo pela escola.

Com as crianças do município do Capão do Leão e residentes num bairro periférico, com medianas condições de saneamento básico e longe de loja de brinquedos, percebemos uma coletividade na hora de brincar e mais tempo para atividades brincantes, até mesmo na escola. O espaço escolar contempla algumas brincadeiras tradicionais que são aprendidas com outras crianças, com os vizinhos próximos e com os pais.

Esses resultados reforçam a ideia de que uma moradia rodeada de lojas e uma família que possui bens materiais não é a garantia para que o brincar aconteça. Cada criança produz, ao brincar, a sua própria cultura lúdica. Esta cultura acaba por tornar-se bem específica, dentro do mundo ao qual ela está inserida diariamente.

Direcionando nosso foco para o meio rural, identificamos relatos muito peculiares das crianças dessa localidade. Elas deixaram transparecer que sua cultura é diferenciada da existente no meio urbano. Conforme destaca ALMEIDA (2012), por se tratar de um universo bem específico, podemos notar que elas brincam de acordo com a cultura vivida em seu meio, neste caso, o meio rural. Percebemos um estranhamento referente a este ambiente estudado, pois a configuração específica deste espaço é permeada por cenários característicos de uma cultura rural. O distrito é constituído por moradores de origem alemã e tem o agronegócio como base fundamental de sua economia. Provavelmente essas características interferem, de forma decisiva, no modo de brincar das crianças. “Tudo” se transforma em brincadeira e, ao mesmo tempo, favorece a produção de mais brincadeiras, mesmo em situações inesperadas. Por exemplo, os meninos consideram como brincadeira atividades comuns ao meio rural como: plantar milho com a mão, carregar o plantado, fazer silagem, etc.



#### 4. CONCLUSÕES

A partir desta pesquisa foi possível aprender sobre a contradição que há no brincar, visto que não existe uma única forma de explicar essa ação das crianças. Compreendemos também sobre o desenvolvimento da cultura lúdica, tivemos a possibilidade de compreender como o brincar toma rumos diferentes, considerando todos os aspectos que permeiam a vida das crianças entrevistadas.

São modos diferentes de produzir cultura lúdica, nem melhores nem piores, porque na brincadeira, o que mais importa é a ação, o processo e não os resultados (BROUGÈRE, 2001).

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lucila Silva de. **Interações: crianças, brincadeiras brasileiras, escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WURDIG, Rogério Costa. **O quebra-cabeça da cultura lúdica – lugares, parceiras e brincadeiras de crianças: desafios para políticas da infância**. São Leopoldo: Unisinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007 (Tese de Doutorado)